

**OS ESPAÇOS E A RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA:**  
*ESPACIALIDADE E AS CONEXÕES ENTRE O POLÍTICO E O RELIGIOSO (VII A.C - V*  
*A.C)*

**José Gabriel Manfredi de Lacerda**  
Mestrando em História (PPGHCE-UECE)  
[jose.lacerda@aluno.uece.br](mailto:jose.lacerda@aluno.uece.br)

**Resumo**

Este trabalho tem por objetivo pensar a experiência religiosa dos helenos nos períodos Arcaico e Clássico. Por meio da análise de fontes literárias e arqueológicas, procurar-se-á definir os principais elementos da religião grega, a fim de entender como ela implicava na construção, uso e ocupação dos espaços, dentro e fora da *pólis*. Daí, deseja-se demonstrar um aspecto muito específico da religiosidade helênica, que, em função de suas características, imergia toda a vida, ou seja, não havia elementos exclusivamente religiosos ou políticos, pois eles se tocavam profundamente sem estabelecer delimitações rigorosas. Para isso, serão apresentadas três reflexões panorâmicas: em primeiro lugar, o santuário pan-helênico de Olimpia; depois, um estudo sobre a *ágora*, um espaço eminentemente público da *pólis*; e, por fim, faremos apontamentos sobre o Parthenon, templo dedicado à deusa Atena que simbolizava a hegemonia política e militar da Atenas do século V a.C. Pensar esses espaços nos possibilitará conhecer o mundo helênico e a religião grega, bem como sua relação com os outros aspectos da vida grega.

**Palavras-chave:** Grécia; Religião; Espaços.

**THE SPACES AND THE RELIGION IN THE ACIENT GREECE**

*Spatiality and the connections between teh political and the religious (VII A.C – V A.C)*

**Abstract**

This paper have the objective of think the religious experience os hellens in the Archaic and Classical period. Through the analysis of the literary and archeological sources, we desire define the mainly aspects of greek religion, to understand how it influenced the construction and ocupation of the Spaces, in and out of *pólis*. Hence, we want to demonstrate one caracter very specific of hellenuic religiousness: it immersed Whole the greek life and the politics and religion was deeeperly together. Moreover, we will do three reflexions about specifics cases: the sanctuary of Olimpia; the athenian *agora*; and the Parthenon. Whit this investigations, we have the hope of clarifying the life and religion in the Ancient Greece.

**Keyword:** Greece; Religion; Spaces.

**Introdução**

O presente artigo é fruto de algumas investigações feitas na elaboração da dissertação de mestrado acadêmico. A pesquisa procura desenvolver várias reflexões, sobretudo analisar o processo de construção dos espaços - em especial os locais considerados sagrados - em função

da religião grega, bem como problematizar as questões relativas aos limites e fronteiras entre religião e política.

Tal problema, que será aqui tratado, traz duas questões fundamentais: quais os limites, se havia, entre religião e política na Grécia dos períodos Arcaico e Clássico (donde nosso recorte se estende entre os séculos VII-V a.C.); e como a construção dos espaços reflete tais fronteiras. A partir das fontes, procurar-se-á verificar as complexidades do objeto de estudo e sua especificidade em relação ao mundo moderno e contemporâneo, cuja laicidade, ou seja, a clara separação entre o político e o religioso, é palavra de ordem, sobremaneira desde os filósofos iluministas, algo não concebido pelo mundo helênico.

Além disso, pensar as questões relativos aos espaços e à religião poderá nos fornecer um melhor entendimento a respeito da identidade grega, pois é possível observar que os povos denominados gregos se definiam sempre a partir de critérios linguísticos e culturais, nos quais a religião desempenhava um papel de suma importância. O termo “Grécia” não era, a princípio, utilizado pelos habitantes do território para designarem a si, mas sim “helenos”, cuja raiz, segundo conta Tucídides em sua *Guerra do Peloponeso*, deriva de um mítico rei de nome Heleno, que, angariando poder e conquistas, fez seus aliados serem conhecidos como helenos (Th. 1.3). A palavra “grego”, usada nas mais diferentes línguas europeias, pode ter sido utilizado pela primeira vez pelo poeta Hesíodo, em sua obra “Catálogo de mulheres”, onde ele menciona um herói chamado *Graikos*. De todo modo, no decorrer do domínio romano, a palavra latinizada (*Graecus*) foi adotada para indicar toda a população que habitava desde a península Balcânica, italiana, anatólica, as ilhas do Egeu e do Mediterrâneo Ocidental, até mesmo o Norte da África, como em Náucratis no Delta do Nilo. Um conjunto de povos e sociedades que, não obstante fossem diferentes em seus costumes, fenótipos e localidades geográficas, ainda assim, carregava algo que os unia sob o mesmo nome. Essa ligação tornou-se possível graças ao mito, pois através dele os helenos puderam forjar um *ethos* comum, uma cultura que os conduzisse na experiência histórica: como bem aponta Jonathan Hall (1998, p. 267), aquilo que foi dito pelos gregos a respeito de si mesmo é mais importante que os fatos objetivos

Percebe-se, pois, a importância fundamental dos aspectos míticos, culturais e, por conseguinte, religiosos na formação da identidade helênica, de modo que é constatável que a construção do espaço ocorreu em adequação a essa consciência que os helenos tinham de si. Os espaços sagrados, misturados e, por vezes, indiferenciáveis dos profanos, sublinham a memória e a história dessa sociedade e estudá-los é, em grande medida, conhecer mais profundamente essa identidade, entender quem foram os helenos e o que foi esse mundo que, latinamente,

denominamos Grécia. Desse modo, cabe-nos esclarecer, antes de tudo, a metodologia de trabalho e os conceitos que utilizaremos.

### **Apontamentos metodológicos e conceituais**

As investigações exigem ser conduzidas de maneira interdisciplinar, buscando conectar a história com outras áreas de conhecimento, a fim de compreender, do modo mais profundo, a sociedade helênica. Então, tendo fontes de caráter literário e arqueológico, disporemos da análise de textos e do estudo a partir das permanências arqueológicas que vieram a lume pelas escavações. Todo esse apanhado nos auxiliará na compreensão da criação e utilização dos espaços: entender a formação de santuários e templos, locais públicos, assim como as práticas e rituais desenvolvidas neles e sua simbolização dentro das *pólis* são objetivos essenciais para bem captar os sentidos da vida na Grécia Antiga e a relação entre os aspectos político e religioso.

Do mesmo modo, a teoria da história nos proporcionará instrumentos analíticos importantes. Conforme Chartier (1988, p. 23), os grupos humanos possuem, basicamente, três modalidades de relacionamento com o mundo social: em primeiro lugar, vem o trabalho de classificação e delimitação, responsável por configurar, idealmente, uma dada realidade; em seguida, surgem as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade; e, por fim, nascem as formas institucionalizadas e objetivadas das classificações, a fim de tornar visível e perpetuar a existência do grupo. Faremos dessa concepção nosso *modus operandi* na análise das fontes. Isto é, partiremos de um confronto das diversas fontes literárias, desde Homero e Hesíodo até alguns escritos da época Clássica, buscando compreender o que são os deuses para os gregos e como se estabelece a conexão entre divino e humano. Como se manifesta a religião, os ritos e rituais? Onde eles se realizam? Até que ponto havia um lugar exclusivamente religioso e outro exclusivamente político na concepção grega? Em seguida, confrontando essas fontes literárias com fontes arqueológicas, buscaremos pensar a objetivação dessas formulações ideais através da criação dos espaços, tanto fora, nos santuários pan-helênicos, quanto dentro da *pólis*, com os santuários, templos e espaços públicos na cidade, com o intento de demonstrar, se nossas hipóteses estiverem corretas, a inextrincável relação entre política e religião.

Dito isso, é mister definir uma categoria central para nosso trabalho, a saber, o espaço. Conforme Milton Santos, “o espaço é o conjunto indissociável dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações” (SANTOS, 2020, p. 21). O homem, através das técnicas, cria-o, realiza sua

vida, e produz (IDEM, 2020). O ser humano apura o meio, transforma-o, torna a simples configuração geográfica em espaço, isto é, em “ambiente vivo” (IDEM, idem, p. 62). Ele “é um cruzamento de móveis. É de certa forma animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (CERTEAU, 2014, p. 184). Ainda nas palavras de Certeau: “o espaço é um lugar praticado”. Contudo, ao mesmo tempo que a história acontece *no* e dá origem *ao* espaço, ele tem efeitos recíprocos na sociedade.

Uma vez que o homem pensa seu mundo e busca atribuir sentido a ele, o espaço resultante da realização da vida humana, animado pela própria identidade do grupo – que no caso grego permeia as diversas manifestações intelectuais, como a poesia, os mitos, a história, a tragédia -, é materialização da memória, a qual, por sua vez, carrega essa identidade e o conjunto de significados construídos por uma dada sociedade. E, no caminho de volta, ele é, igualmente, reflexão e rememoração. Atua no sentido de fazer lembrar, seja aos antigos ou aos neófitos do grupo, a história e o ser da comunidade. Para que o espaço seja vivido e praticado, como disse Certeau, é necessário que ele seja um lugar de memória. Desse modo, a análise dos espaços nos possibilitará saber como os gregos concebiam o mundo e a si mesmo, de modo a fazer compreender a relação entre política e religião.

### **Religião e ordem política**

A partir do que foi dito, a investigação sobre os espaços e a experiência religiosa no mundo antigo mostra-se desafiadora, porque há diferenças enormes entre a Grécia Antiga e o mundo em que vivemos. Há muito que os helenistas têm estudado e problematizado a divergência marcante entre o modo cristão de nosso mundo e a maneira grega de conceber o divino e de relacionar-se com ele. No caso grego, os deuses eram constantemente visíveis, ou melhor, suas manifestações o eram: “os deuses não são exteriores à natureza e ao mundo humano; é a mesma ordem natural que é, de certa maneira, divinizada” (VERNANT, 2003, p. 84).<sup>1</sup> As divindades não são transcendentais, são interiores ao cosmos (IDEM, 2007; IDEM, 1993), por vezes se confundem com as forças naturais. Como bem lembra Vernant (1957), em um artigo já antigo para a revista dos *Analles*, o pensamento mítico carrega essa ambiguidade, pois um fenômeno podia ser visto como simultaneamente natural e divino. É próprio do pensamento mítico imiscuir informações de campos do saber que nos são, aparentemente, contraditórios (VEYNE, 2014). É por isso que Bremmer chega a afirmar que no ambiente grego

---

<sup>1</sup> Tradução nossa

“o ateísmo era simplesmente impensável” (BREMNER, 1994, p. 2). Quando se olhava o céu estrelado via-se Urano, deus primordial, nascido da Terra, segundo Hesíodo (*Teogonia*, 126-128).

Portanto, todo o universo era divinizado, fazendo com que a vida humana estivesse em dependência direta e indissociável do mundo divino: Zeus, ao vencer seus inimigos, garante seu reinado e toda a estabilidade cósmica (CIDRÉ; BUIS; ATIENZA, 2016). De tal modo que essa concepção submergia toda a vida helênica, pois “Tudo está cheio de deuses”, como aponta o famoso dito atribuído a Tales de Mileto. Com isso, a religião grega possuía um conjunto de práticas que podem caracterizá-la, também, como uma “religião cívica” (BREMNER, 1994, p. 2-8; VERNANT, 2007, p. 41). Ou seja, a religião se manifestava ubiquamente no cotidiano da *pólis*, de modo que, embora pudesse haver devoção verdadeira ou ceticismo completo na instância pessoal, tinham fundamentos básicos que deviam ser difundidos e bem observados para o funcionamento do governo e da sociedade. Mário Vegetti (*apud* VERNANT, 1993) muito bem aborda a distância entre os sentidos da palavra “religião” nesse contexto grego e no contexto monoteísta.

Desse modo, via-se nas divindades a instância última sobre a qual se fundamentava a ordem sociopolítica. Por sua vez, tais deuses deram-se a conhecer através da poesia oral, dos mitos (VERNANT, 2006, p. 15). Como afirmava Heródoto, foram dois poetas, Homero e Hesíodo, os primeiros a relatarem a aparência, a genealogia e as áreas de atuação dos deuses (Hdt. 2.53). Os mitos, portanto, fundamentavam tanto a religião quanto a vida cívica desenvolvida na *pólis*. Segundo Tirteu, Esparta fora concedida por Zeus a Pélops (Fr. 2.10-16). As Olimpíadas, por sua vez, têm raízes longínquas, quando Hércules traz o primeiro ramo da terra dos Hiperbóreos para coroar o primeiro vencedor (*Ol. 1. 10-20*). Em suma, as práticas sociais e políticas fundavam-se numa concepção etiológica divina, isto é, foram os deuses ou seus descendentes que forjaram mundo e o modo de vivê-lo. Mais como necessidade civil que como fé interiorizada, a religião grega assim funcionava: a impiedade, por exemplo, não era uma negação de crença, mas um desleixo com a prática cultural, a qual implicava uma rejeição da cultura e da vida helênicas, causando grande repúdio (VERNANT, 2021).

### **O Santuário de Olímpia, a *Ágora* e o Parthenon**

Para pensar mais precisamente essas conexões entre o político e o religioso, três reflexões sobre objetos precisos serão profícuas: Olímpia, a *ágora* ateniense e o Parthenon.

Olímpia, localizada no oeste do Peloponeso, foi o lugar onde se estabeleceu um dos maiores santuários pan-helênicos. Seu caráter “internacional” fez com que ele servisse, durante os séculos X e IX a.C. como área neutra de encontro e cruzamento de povos de regiões distintas, especialmente da Messênia e Acádia (LAKY, 2008). Desse modo, esses encontros possibilitaram a disseminação do culto a Zeus pela Grécia (LAKY, 2011). Outrossim, era nele que se realizavam os Jogos Olímpicos, os quais, segundo a tradição, foram reestabelecidos em 776 a.C. As origens dessas competições atléticas se inserem no contexto dos mitos e da religião (SARIAN, 1996-1997, p. 46). Em sua poesia, Píndaro atribui a Hércules a criação dos Jogos Olímpicos (*Ol.10*) e faz do mítico confronto de Pélops e Tântalo o princípio da corrida de carros (*Ol.1*). Esses eram heróis míticos cultuados, inclusive em Olímpia, onde se vê um *témenos* exclusivo para Pélops, o *Pelópiôn* (SARIAN, 1996-1997, p. 50). Tais mitos, cujas funções religiosas são evidentes, eram evocados por Píndaro não apenas para homenagear o vencedor das competições, mas também com a finalidade de tornar patente a grandeza da *pólis* representada pelo competidor. Além disso, desde os séculos IX e VIII a.C., constata-se uma grande quantidade de oferendas, com o propósito de demarcar o *status* social e político dos que as ofertavam, embora fossem, igualmente, expressão do fenômeno religioso (MARINATOS; HÄGG, 1995, p.17-19).

Por outro lado, os espaços no interior da *pólis* refletiam também essa fluidez entre o religioso e o político. A *ágora*, por exemplo, era o espaço público por excelência. Nela a cidade se manifestava como comunidade, *koinonia*. É nela que se participava das deliberações. Já na época de Homero se identificava a *ágora* como espaço público próprio para as manifestações intelectuais e políticas naturalmente humanas; Polifemo, o ciclope, não só não se assemelha aos homens comedores de pão, mas não vive como eles: prescinde do plantio da terra, *não conhece a ágora e as deliberações públicas*, mora em uma gruta (*Od. 9.108-114*). Como contraparte do espaço privado, a casa (*Oikos*), a *ágora* é o ambiente onde só se deve estar, para participar dos litígios públicos, após se cumprir os deveres de suprir o lar, aponta Hesíodo (*Op. 25-35*). É lá onde se situava o *Buleutério*, os órgãos ligados à administração, os arquivos, os tribunais do júri etc. (LEMOS, 2016, p.54). Porém, a coisa pública não era laica: a *ágora* era completamente adornada com as figuras das divindades adoradas, deuses e heróis (CAMP, 1980, p. 26). Ademais, as atividades jurídicas e políticas efetuadas nela eram permeadas pela religião grega. Eutífron, à guisa de exemplo, no diálogo homônimo de Platão, relata a Sócrates que um trabalhador contratado por ele acabou brigando e assassinando um escravo da família. O assassinato tornou o trabalhador impuro, de modo que ele precisou ser aprisionado até que

Eutífron fosse questionar o *intérprete de ritos religioso* (*exegetoy*), a fim de ver o que faria (*Eutífron*, 4c-d). Ou seja, ao homicídio segue-se, primeiro, a purificação religiosa e dela se deriva a pena. Além disso, o próprio Sócrates foi condenado, após deliberação do *demos* no tribunal de Heliáia, por impiedade. Atentar contra a religião era atentar contra a ordem cívica e política da cidade, e a *ágora* abrigava esses aspectos sincrônicos da cosmovisão grega.

Enfim, o monumental Parthenon, templo construído em homenagem à deusa Atena, não tinha funções circunscritas à relação com a deusa. De modo geral, os santuários e os templo eram espaços com múltiplas finalidades, vide a circulação e provisionamento de moedas e riquezas (LAKY, 2008; LAKY, 2008; LYKKE, 2017). No caso do Parthenon, sua função simbólica é evidente. Construído, aproximadamente, em dez anos, durante os arcontados de Péricles, foi uma edificação do grande império ateniense do século V: era uma “fórmula para tornar este poder visível para todo o conjunto de cidadãos atenienses e não atenienses” (FLORENZANO, 2001, p. 9). Um templo de estilo dórico, com oito colunas de largura e dezesseis de comprimento, cuja arquitetura refinada e grandiosidade refletem o poderio da Atenas de Péricles. Além disso, o Parthenon se destaca pela quantidade de esculturas, as quais relatam diversas histórias e mitos. O programa escultural do templo narra desde a Guerra de Troia, passando pelas batalhas contra os centauros e as amazonas, até as Guerras Pérsicas, nas quais os atenienses queriam se colocar como os bastiões da liberdade grega (CAMP, 2001, p. 78-80). Ou seja, a construção do templo é a glorificação da deusa políade, cuja principal manifestação é a soberania e prosperidade da *pólis*. A religião tem finalidades políticas e vice-versa.

Percebe-se, através da análise dos espaços, a união entre os aspectos político e religioso (poderíamos acrescentar militar, social), de modo que um não se entende sem o outro.

### **Considerações**

Diante do que foi dito, façamos algumas considerações. Em primeiro lugar, vimos como se define o espaço e sua íntima relação com a identidade e a memória sociais – as quais, na Grécia Antiga, eram transmitidas pelos mitos, pela poesia, pela história, pelas tragédias etc. Portanto, o espaço é materialização da memória, produto da realização da vida humana, de modo que ele carrega consigo a consciência que um povo tem de si mesmo. Isso fica patente à medida que nos debruçamos sobre os lugares sagrados e profanos do mundo helênico. Em virtude do modo como os gregos concebiam a divindade, os espaços refletiam a mistura entre os aspectos religioso e não religioso, o que ficou claro com os breves apontamentos feitos no

último tópico, no qual analisamos três objetos, quais sejam, o santuário de Olímpia, a *ágora* ateniense e o Parthenon. Enfim, diante do que foi aqui pensado, embora tenham sido poucas palavras, dada a complexidade do tema, os apontamentos indicam uma acentuada fluidez entre a religião e a política na Grécia Antiga, de maneira a tornar uma incompreensível sem a outra.

## FONTES PRIMÁRIAS

HERODOTUS. *Histories*. Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: Willian Heinemann LTD, 1975.

HESÍODO. *Os Trabalhos e Os Dias*. Curitiba, PR: Segesta, 2012.

\_\_\_\_\_. *Teogonia: a origem dos deuses*. - estudo e tradução Jaa Torrano. 7ª Ed. São Paulo> Iluminuras, 2007.

HOMERO. Edição Bilingue. 1ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2014.

PÍNDARO. *Epinícios e Fragmentos*. Curitiba: Kottter Editorial, 2018.

PLATÃO. *Diálogos III: Fedro; Eutífron; Apologia de Sócrates; Críton; Fédon*. 2ª ed. São Paulo: Edipro, 2015.

RAGUSA, G; BRUNHARA, R. *Elegia Grega Arcaica: Uma Antologia*. Cotia, SP; Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnêma, 2021.

THUCYDIDES. *The Peloponesian War*. New York: Oxford University Press.

## BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

BREMMER, Jan. **Greek Religion**. Oxford University Press, 1994.

CAMP, John. **Gods and Heroes in the Athenian Agora**. American School of Classical Studies at Athens, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CIDRÉ, Elsa Rodríguez; BUIS, Emiliano Jerónimo; ATIENZA, Alicia. **El nómos transgredido**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2016.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Péricles, o Parthenon e a construção da cidadania na Atenas Clássica. *S.P., Labeca – MAE/USP*, 2001.

LAKY, Lilian Ângelo de. As moedas de Olímpia e a consolidação imagética de Zeus na Grécia Clássica. **Revista Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2008, 18, p.211-237.

\_\_\_\_\_. Crotona e suas conexões religiosas e políticas com Olímpia nos séculos VI, V e IV a.C.: as evidências das imagens monetárias de águias e raios. **História: Questões & Debates**, Curitiba, jan;/jul. 2021, v.69, n.1, p.136-162.

\_\_\_\_\_. **Olímpia e os Olimpíeia: a origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C.** - Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo, 2011.

LEMONS, Gláucia Gajordoni. **Formas políticas e urbanismo grego: a arquitetura monumental como representação do poder entre os séculos VI e IV a.C.** 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LYKKE, Anne. Ritualizing the Use of Coins in Ancient Greek Sanctuaries. **Journal of Ancient History**, 2017, 5(2), p.205-237.

MARINATOS, Nanno; HÄGG, Robin. **Greek Sanctuaries: New approaches**. London and New York: Routledge, 1995.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. 5ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **A Morte nos Olhos: A figura do Outro na Grécia Antiga**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

\_\_\_\_\_. **A Travessia das Fronteiras: Entre Mito e Política II**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Du Mythe à la Raison: la formation de la pensée positive dans la Grèce Archique. In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**. Cambridge University Press, 1957. p. 183-206.

\_\_\_\_\_. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mito y sociedad em la Grecia antigua**. 4ª ed. Madri: Siglo XXI de España Editores, S.A., 2003.

\_\_\_\_\_. **O Homem Grego**. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

VEYNE, Paul. **Os Gregos Acreditavam em seus Mitos?** 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.